

Valorização Social dos Percursos da Vida em Tempos de Alta Retórica do Idadismo

Artur Pereira Quinteiro Costa,¹ UFPB
Edilza Maria Medeiros Detmering,² UFPB

Resumo

O presente artigo traz uma reflexão acerca do processo de envelhecimento humano em diversas sociedades, e discute a construção social do fenômeno da ‘velhice’. Este fenômeno adquire significado e valor social diferentes nas várias sociedades, ou numa mesma sociedade em épocas diversas. Discute-se aqui se a valorização do processo de envelhecimento biológico de forma pejorativa acarreta segregação e exclusão social, situação caracterizada como ‘idadismo’ (CASTRO, 2015). A partir das contribuições seminais de Goldenberg (2021), Debert (2010), Foucault (2008) e Dumont (1983), analisa-se a valoração da pessoa humana ao atingir a chamada ‘terceira idade’. O idadismo, muito presente em discursos políticos no momento de pandemia por Covid-19, pode ser percebido até mesmo em grupos sociais nos quais o respeito à pessoa idosa aparece como uma das marcas mais fortes.

Palavras-chave: Idadismo; Envelhecimento; Juventude.

Abstract

This article presents a reflection on the human aging process in different societies and discusses the social construction of the ‘old age’ phenomenon. This phenomenon acquires diverse meanings and social values in different societies or in the same society at different times. It is discussed here whether valuing the biological aging process in a pejorative way leads to segregation and social exclusion, a situation characterized as ‘ageism’ (CASTRO, 2015). Based on the seminal contributions of Goldenberg (2021), Debert (2010), Foucault (2008) and Dumont (1983), the valuation of the human person upon reaching the ‘third age’ is analyzed. Ageism, very present in political speeches in times of the pandemic by Covid-19, can be perceived even in social groups in which the respect for the elderly people appears as one of the strongest marks.

Keywords: Ageism; Aging; Youth.

Introdução

A partir do momento em que o ser humano percebeu o seu protagonismo enquanto *ser-no-mundo*,³ houve um fortalecimento no desejo de explicar a natureza e o próprio fenômeno da humanidade inserida nesse contexto. A partir de uma curiosidade primordial, a humanidade, numa ampla riqueza cultural, vem fornecendo uma gama de explicações para o fenômeno humano e seus desdobramentos.

¹ Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: artur.costa@estudantes.ufpb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6348-1169>. Integrante do Grupo de Pesquisa GRUPESSC.

² Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: edilza.detmering@academico.ufpb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1693-7661>. Integrante dos grupos de pesquisa CNPq: AProjetaH, GRUPESSC e GUETU.

³ Aqui entendido, a partir da perspectiva filosófica do pensador alemão Martin Heidegger, como ser-existente em unidade com o mundo.

Diante da diversidade de perspectivas das mais variadas sociedades e épocas da existência do ser humano, nós elegemos alguns exemplos que ajudam a perceber como essas sociedades encaram (ou encaravam) o processo do envelhecimento humano, construindo de determinadas maneiras o fenômeno da “velhice”. Por uma questão de espaço neste artigo, não nos propomos a aprofundar a análise dessas sociedades. Pontuamos alguns aspectos que consideramos relevantes para alcançar nosso objetivo e fomentar um debate, sem de forma alguma esgotar a discussão sobre o tema ou generalizar nosso pensamento para outras realidades humanas.

Entre os diversos aspectos da natureza e das múltiplas categorias que compõem a concepção de humanidade, o tempo, o percurso da vida e a finitude foram elementos que sempre despertaram o interesse para uma explicação, seja ela mítica, religiosa ou racional. É esse movimento que nos propomos discutir, a partir de algumas sociedades distantes entre si, tanto do ponto de vista cronológico, quanto estrutural, a saber: sociedades antigas ou tradicionais (sociedades orientais e gregas; sociedade ioruba, yanomami e xinguana) e sociedades atuais (sociedades industriais e de consumo). No entanto, não é objetivo deste artigo aprofundar a complexidade do estudo do idadismo nas sociedades elencadas. Interessamos refletir com mais afinco sobre a sociedade pandêmica brasileira, para entender como vêm sendo pensados os direitos das pessoas idosas deste país, e assim oportunizar um debate.

É sabido que a partir dos anos 1948, a pessoa idosa começa a conquistar direitos, haja vista a Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada naquele ano pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Na Declaração, os direitos conquistados se referem à previdência social, ao amparo familiar, à proibição de diferença salarial por motivo de gênero, idade, cor ou estado civil, dentre outros. Em seguida, a Constituição Brasileira de 1988 veio ampliar esses direitos em nosso país. Seguiram-se a ela o Código de Defesa do Consumidor em 1990, o Estatuto do Ministério Público da União e a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) em 1993, a Política Nacional do Idoso (PNI) em 1994, o Estatuto do Idoso em 2003 e a Política Nacional da Pessoa Idosa em 2006. O Estatuto do Idoso dispõe no seu Art. 3º §2º que “dentre os idosos, é assegurada prioridade especial aos maiores de oitenta anos, atendendo-se necessidades sempre preferencialmente em relação aos demais idosos”. Ao citarmos tais instituições, intencionamos demonstrar que foi criado um amparo legal para a pessoa idosa, a partir da segunda metade do século XX, e dentro desse grupo, foi assegurada maior proteção aos de mais idade. Torna-se necessário perceber o quanto e como esse amparo vem sendo aplicado no contexto pandêmico que o país enfrenta.

Obviamente, sem abarcar toda a discussão que o tema suscita, ensejamos apresentar algumas perspectivas que nos ajudam a refletir sobre o processo de envelhecimento humano nas sociedades em pauta, na perspectiva do “idadismo” (CASTRO, 2015). Por definição, “idadismo” (*ageism*) é o preconceito baseado na idade, que ocasiona a discriminação de seres humanos – no presente debate, a população longeva – e contribui potencialmente para a segregação e exclusão social das pessoas em processo de envelhecimento (CASTRO, 2015).

Com isto em mente e sem mais delongas, observemos quais reflexões as sociedades elencadas anteriormente podem nos proporcionar. É digno de nota que as discussões a seguir se dão a partir dos estudos iniciais de uma pesquisa de mestrado que se encontra em andamento.⁴ Reflexões mais densas serão construídas no percurso da pós-graduação.

A velhice sob o ponto de vista de sociedades antigas e/ou tradicionais

Sociedade Ioruba

A mitologia milenar dos povos iorubas contribui para a compreensão do tempo e das etapas da vida, oferecendo uma explicação para a temporalidade cíclica no mundo. Nesse contexto, uma das principais divindades iorubas, Exu, o mensageiro, um ser do panteão das divindades que é o intermediário entre os seres humanos e os deuses, tem uma dinâmica muito peculiar em relação ao tempo. Isso fica explícito numa das principais lendas que envolvem o orixá,⁵ em que ele mata um pássaro ontem com uma pedra que atirou hoje (VERGER, 1997). Essa lenda tem uma forte relevância na cultura desse povo, influenciando e trazendo a concepção de que o passado pode ser reinventado, pois o tempo segue uma rota circular, assim tudo na vida pode ser reinventado a qualquer momento (OLIVEIRA, 2015).

Os mitos também exercem um papel fundamental para a compreensão dos valores que o povo ioruba atribui às etapas da vida, como observado em outra lenda relatada por Verger (1997). Nela, os motivos de uma briga entre as divindades Exu e Oxalá⁶ deixam esses valores bem explícitos:

⁴ Em sua pesquisa de mestrado, o autor deste artigo objetiva estudar idosos asilados em Instituições de Longa Permanência (ILPIs) em Pernambuco. Na feitura deste artigo, o Mestrando conta com a colaboração da colega Doutoranda do mesmo programa na UFPB. A coautora estuda pessoas idosas que frequentam um curso de extensão para a terceira idade da instituição paraibana.

⁵ Segundo a Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, de Nei Lopes, o termo “Orixá” remete às representações dos ancestrais dos povos iorubas, que foram divinizados e que exercem forte influência nas mentes e ações dos seres humanos.

⁶ Principal divindade ancestral dos povos iorubas, conhecida como sendo o ‘criador dos homens’.

Oxalá e Exu discutiam quem era o mais antigo deles. Exu, decididamente, insiste ser o mais velho. Oxalá, decididamente também, proclama com veemência que já estava no mundo quando Exu foi criado. O desentendimento entre eles era tal que foram convidados a lutarem entre si, diante de outros Imalés, reunidos numa assembleia (VERGER, p. 80, 1997).

A narração desse conflito demonstra que “ser o mais antigo” é algo que estabelece um status no panteão sagrado das divindades, e influencia as relações entre os indivíduos iorubas. A ação do tempo sobre os seres humanos traz conhecimento e sabedoria e, conseqüentemente, poder para o mais velho, que vivencia ao longo da vida a repetição cíclica desse tempo. Nessas alternâncias, vão adquirindo experiências e, com isso, conhecimento.

Com a diáspora dos povos africanos através da escravidão em larga escala para o Novo Mundo, os mitos também atravessaram os oceanos, trazendo toda a cosmovisão e os valores ancestrais dos iorubas. Em solo brasileiro, os africanos escravizados formaram, ao longo dos séculos, as primeiras religiões com uma matriz africana, estruturada na crença das divindades ancestrais e no respeito aos valores vindos de além mar. Esse arcabouço cultural serviu de esteio para as religiões afro-americanas que se construíram em terras tão longínquas (como o candomblé, o xangô e o batuque, no Brasil; o vodu haitiano, no Haiti e na República Dominicana; e a santeria, em Cuba).

No Brasil, as religiões de matriz africana se propagaram por todo o país, sobrevivendo a toda tentativa de anulação perante as religiões dos povos dominadores. Entre os traços marcantes dessas religiões, há o culto aos ancestrais, bem como o modo pelo qual os seus adeptos estabeleceram uma relação com o processo humano de envelhecimento. Segundo o antropólogo e babalorixá Rodney William Eugênio, “A velhice é sempre um ideal a ser atingido” (EUGÊNIO, 2012, p. 8), uma dádiva oferecida pelas divindades ancestrais. Todas as características tidas como negativas pela sociedade industrial e de consumo ocidental, no processo de envelhecimento, tais como improdutividade, declínio físico e proximidade com o momento da morte, são encaradas como dádivas pelas religiões de matriz africana. Para Eugênio (2012), essas características aproximam os mais velhos da ancestralidade e são um símbolo de poder e um princípio sagrado dentro do candomblé. Logo, o idoso possui autoridade e força na vida social da comunidade.

E como a concepção do tempo para eles não é linear, mas cíclica, o envelhecer não está relacionado ao tempo cronológico, e sim ao conhecimento adquirido ao longo da vida. Esse conhecimento faz do velho um herói, pois ao envelhecer, venceu a morte que o rondava todos os dias na juventude (EUGÊNIO, 2012).

Sociedades indígenas: Xinguana e Yanomami

Interessa-nos dar uma breve atenção a povos de etnias indígenas, de comunidades tradicionais brasileiras, para ajudar a compreender o envelhecimento e a longevidade dessas populações que, geralmente, habitam territórios afastados do meio urbano.

Verificamos em trabalhos de indianistas (a exemplo de: Herrero, 2018, com a população Xinguana; Kopenawa, 2015, com a Yanomami) a confiança que os jovens e demais membros dessas comunidades têm em seus idosos e na medicina tradicional praticada por estes. Os longevos são respeitados pelos seus conhecimentos da medicina, como também das tradições, que visam à manutenção da identidade cultural transmitida através da oralidade. “O velho indígena é fundamental para a sobrevivência e a continuidade desses povos” (HERRERO, p. 94), aconselhando e inspirando os jovens da comunidade. Os mais velhos nunca representam “um fardo a ser carregado pelos mais jovens, eles e elas formam parte indispensável do tecido social de seus povos” (HERRERO, p. 97). Esse comportamento se verifica mesmo quando os grupos mais jovens mantêm algum contato com habitantes da área urbana mais próxima.

Na sociedade xinguana, as mulheres idosas não são diferenciadas das jovens em relação ao trabalho diário. Essas comunidades acreditam que a atividade física, mesmo que exija muito esforço, faz bem à saúde, e chegam inclusive a ultrapassar os 100 anos de vida. Assim, idosos e idosas se sentem parte da vida em sociedade, representam a sabedoria, são respeitados/as com seus cabelos brancos, são fundamentais na organização social e na sobrevivência do grupo que se posiciona sempre no coletivo, nunca no individual (o ‘nós’ é mais importante do que o ‘eu’). A ideologia empregada nessas comunidades faz recordar o modelo de sociedade “holística” pensado por Dumont (1983), levando-nos a perceber um espaço compartilhado de pertencimento, ou seja, um ‘todo’.

Entre os yanomami, quanto mais velho o xamã, mais respeitado ele é, e abre caminho para a religiosidade dos membros mais jovens. São esses xamãs que servem de elo entre os vivos e os mortos, os xapiri. Seus idosos atuam a partir de uma metafísica “distante da nossa”, como nos alerta Lévi-Strauss (*apud* KOPENAWA, p. 7, 2015), numa concepção de solidariedade e de “diversidade humanas, e de sua implicação mútua, que impressionam pela grandeza” (*apud* KOPENAWA, p. 07, 2015).

Em suma, para estas comunidades, ser velho pressupõe ser um sujeito com participação efetiva na sociedade, na vida do povo, na sobrevivência deste, preservando o passado e construindo o futuro dos mais jovens. Em outras palavras, não há evidências de que elas vivenciem o idadismo.

Sociedades orientais e gregas

Desde a Antiguidade, o povo chinês vem adotando uma atitude de respeito para com as pessoas mais velhas de sua população. Possivelmente, alguns personagens como Lao-Tsé e Confúcio se tornaram sérios influenciadores daquela civilização, expandindo suas filosofias para todo o mundo.

Lao-Tsé (604-531 a.C.), cujo nome significa ‘ancião’, começou a divulgar sua filosofia após a maturidade. Ele apregoava a velhice como um momento especial, supremo mesmo, quando o ser humano alcançaria a espiritualidade máxima, a liberdade e a santificação, a partir dos 60 anos de idade. A filosofia de Confúcio (551-479 a.C.), que seguia uma perspectiva idêntica à de Lao-Tsé, justificava a autoridade da velhice como um momento da vida marcado pela sabedoria adquirida. De acordo com Santos (2001), a idade dos 60 anos também era importante para este filósofo, e seria o momento de o ser humano ‘compreender’ o que ouve, sem necessidade de “refletir sobre”. Ainda de acordo com Confúcio, ao completar 70 anos, o ser humano já poderia seguir todos os desejos do seu coração, sem que isso significasse uma transgressão, vivendo em paz e sendo amado, pelos jovens principalmente.

Essas duas filosofias formaram a base da sociedade chinesa, em termos de valorização da experiência dos mais velhos, levando os seus jovens a reconhecerem a importância das vivências acumuladas por pessoas idosas, as quais adquiriram vasto conhecimento ao longo dos seus anos de vida. A filosofia de Confúcio, sobretudo, enfatizava a importância do amor dos filhos pelos seus pais, a quem esses jovens deveriam assegurar proteção e segurança na idade avançada, numa demonstração de amor e respeito.

Já na Antiguidade Clássica Grega, em que poderíamos observar certa pluralidade, percebemos uma perspectiva inversa à chinesa. A sociedade grega valorizava o corpo jovem e saudável, buscava cultivar e preservar a juventude, encarando a velhice com desprezo, por medo da morte e pela ausência do prazer que o corpo envelhecido viria a experimentar. Inúmeros filósofos gregos corroboravam esse ponto de vista, mesmo Homero que associava a velhice à sabedoria, admitia que até os deuses a odiavam.

O filósofo grego Platão na obra *A República* faz menção à velhice. Ao relatar o diálogo entre o pensador Sócrates e o idoso Céfalo, Platão enaltece a necessidade de se compreender o processo de envelhecimento, que para ele, será o caminho a ser percorrido pela humanidade. Ao questionar Céfalo sobre o seu processo de envelhecimento, fica

transparente o posicionamento dualista⁷ do pensador a respeito desse momento da vida, defendendo que este traria benefícios como a liberdade das paixões e dos desejos, mas também privações como a impossibilidade de desfrutar os prazeres proporcionados pela juventude. O diálogo mostra ainda que nas sociedades gregas daquele período já se fazia presente um forte idadismo, manifestado nas ofensas sofridas pela população idosa e que aparecem marcadamente pontuadas no diálogo por Céfalo. Sócrates vislumbrava algo semelhante ao que, hoje em dia, é defendido pela gerontologia,⁸ haja vista a ênfase dada por ambos aos benefícios que seriam decorrentes do engajamento dos indivíduos na adoção de um estilo de vida que preconiza um ‘novo modo de envelhecer’. O pensador enfatizava que para as pessoas prudentes e bem preparadas, a velhice não seria um peso, seria resultante de um conjunto de ações e preparativos adotados ao longo dos momentos anteriores da vida, e que determinariam como o último período da existência humana seria experimentado.

Da mitologia grega, podemos destacar o mito de Aurora (também chamada de Eos, filha de Téia e Hiperion) que, ao ser flagrada por Afrodite em conluio amoroso com Ares (deus da guerra e cônjuge da deusa da beleza e do amor), é amaldiçoada a se apaixonar eternamente por homens mais jovens. Ao longo de seus relacionamentos amorosos, Aurora se envolve com Titonus, por quem se apaixona loucamente ao ponto de pedir a Zeus a imortalidade para seu amado. Aurora esquece, porém de pedir junto com a imortalidade a juventude eterna, e vê seu amado envelhecer continuamente, sem poder morrer, o que causa sofrimento à deusa do alvorecer. Esse mito traz a ideia de que a vida deve ser conservada e não vivida em seu processo próprio de transitoriedade. Ainda, nos faz a refletir; i) se a possibilidade/certeza da morte abrandaria os infortúnios e sofrimentos causados pela velhice, vista como um momento de suplícios; ii) sobre a ideia que temos do envelhecimento, que transforma esse processo em fardo e em medo das limitações corporais.

Observamos, até este ponto, que o idadismo não é uma atitude recente na história da humanidade, e pode ter sua semente em civilizações milenares. Aqueles pensamentos e ideais podem ter inspirado o próprio pensamento ocidental, por este ter absorvido muito daquelas culturas. Elas influenciaram os romanos, que por sua vez motivaram a ideia ocidental de envelhecimento até chegarmos ao idadismo nos dias atuais.

Tanto a atitude de respeito para com as pessoas mais velhas, quanto o culto ao corpo jovem somado ao desprezo pela velhice nos informam sobre a maneira como cada uma dessas

⁷ Referente a dualismo. Posição que denota a existência simultânea de duas posições contraditórias numa mesma situação.

⁸ Estudo do envelhecimento nos aspectos biológicos, psicológicos, sociais e outros.

civilizações lidavam com o que consideravam ser a fase final da vida, numa luta contra a realidade humana.

A velhice sob o ponto de vista das sociedades atuais

Sociedades industriais e de consumo

Analisando o processo do envelhecimento sob o prisma das sociedades industriais, encontramos algo bem distinto do que vimos nas sociedades orientais, e também nas sociedades milenares, a exemplo das oriundas dos antigos povos iorubas da África Ocidental. O cenário se distancia ainda mais do encontrado em comunidades indígenas xinguana e yanomami, nossas contemporâneas. Nas sociedades que possuem uma grande influência das correntes ideológicas positivistas, há uma alteração de valores atribuídos aos percursos da vida, de forma similar à sociedade grega antiga, na qual a juventude é o ideal a ser alcançado e mantido. Por este motivo, vamos nos deter, a seguir, no estudo do idadismo perceptível nas sociedades do consumo.

A antropóloga Guita Grin Debert defende que a (hiper)valorização da juventude como uma fase da vida marcada pelo dinamismo e pela criatividade é algo novo nas sociedades notadamente consumistas. Quando do surgimento desses modelos de sociedades, entre os séculos XVIII e XIX, a altivez associada a uma aparência envelhecida era algo a ser conquistado para a garantia de status social. Debert (2010) traz na sua pesquisa alguns relatos de propagandas utilizadas por Nicolau Secvenko, com um trecho do artigo do autor, para demonstrar como o envelhecimento estava associado à ideia de estirpe, tradição e autoridade, muito em voga no grupo social hegemônico à época: “Somente o creme Barbalho/ Tornará todo grisalho/ Vosso cabelo juvenil/ Garantindo-lhe o respeito/ De um ar sisudo e senil/ Em cargos de grande efeito” (DEBERT, 2010, p. 50).

A mudança nessa concepção de juventude (‘como valor’; de algo a ser destacado para algo a ser mascarado) é bem recente dentro do nosso contexto histórico.⁹ A juventude enquanto sinônimo de rebeldia (com um valor social positivo) e de luta contra a hipocrisia latente nos valores da sociedade começou a ser produzida no contexto do pós-guerra. É a partir de então que, segundo Debert (2010), começamos a assistir a um duplo processo de redesenho das etapas que marcam o processo de envelhecimento, como também de um

⁹ Em seu livro *Adolescência em Samoa*, Margareth Mead (1928) relata que a adolescência não se configurava como um período de dificuldades para as jovens samoanas, assim como o é para as norte-americanas. Em relação às samoanas, a transição para a juventude não era traumática. Em relação às norte-americanas, conflitos, inseguranças e rupturas marcavam, e ainda marcam, a passagem da infância para adolescência.

dissolvimento da vida adulta em uma única etapa, vista como uma fase de maturidade, de responsabilidade e de compromissos. Não obstante, a juventude não teria mais ligação com uma determinada faixa etária específica, passando a um valor a ser atingido, algo que deve ser conquistado e mantido a qualquer custo e em qualquer momento da vida, inclusive na velhice. Em outras palavras, a juventude deve ser comprada através da oferta dos bens e serviços apropriados. Dessa forma, a antítese da juventude, a velhice, também perde conexão com uma determinada faixa etária específica, e passa a ser expressa como algo desprezível, tornando-se uma clara atitude de negligência com o corpo e com a mente, uma espécie de doença que poderia ter sido evitada, se os bens e serviços oferecidos, uma espécie de “pílulas da juventude”, fossem aceitos.

‘Envelhecer’ passa a ser um termo pejorativo e a soar como um insulto. É o que coloca a filósofa francesa Simone de Beauvoir no seu tratado sobre o processo de envelhecimento, “A velhice”, escrito em 1970. Beauvoir, que foi um ícone da juventude intelectual francesa no período pós-guerra juntamente com seu companheiro Jean Paul Sartre, arrastou multidões ávidas por ouvirem suas palestras. A autora relata algo que lhe chamou a atenção no vigor da sua produção intelectual aos 50 anos de idade:

Eu estremeci, aos 50 anos, quando uma estudante americana me relatou a reação de uma colega: “Mas então, Simone de Beauvoir é uma velha!” Toda uma tradição carregou essa palavra de um sentido pejorativo — ela soa como um insulto (BEAUVOIR, p. 353, 1970).

A situação vivenciada por Beauvoir (1908-1986), que aconteceu por volta de 1958, e a mudança de valores atribuída ao processo de envelhecimento discutido por Debert, bem como a dissolução dos períodos da vida aglutinados numa nova concepção de juventude, nos levam a uma reflexão deveras relevante. Esta reflexão nos alerta para a necessidade de se ampliar o debate sobre o idadismo, como nos recorda Castro (2015).

Tanto Castro (2015) quanto Debert (2010) entendem que, na visão pejorativa do processo de envelhecimento, há um idadismo muito sutil, que pode ser visualizado na forma como os meios de comunicação tratam o envelhecer e os seus próprios atores, a população idosa. Para Castro (2015), o idadismo, que muitas vezes é absorvido, interiorizado e fica adormecido na mente humana, é acionado pelo processo comunicacional das mídias audiovisuais, trazendo à tona uma série de discriminações que incidem sobre a população em fase de envelhecimento. Esta autora faz então uma análise de como a indústria do cinema estadunidense escamoteia o envelhecer de seus principais atores escalados para dar vida a

personagens heroicos nas lucrativas sequências de *blockbusters*,¹⁰ tendo eles uma aparência manipulada de juventude, mesmo já estando em um processo latente de envelhecimento. Para a indústria cinematográfica, a maquiagem que esconde a passagem do tempo sobre os corpos de artistas é algo necessário para a constante obtenção de lucros. Observem-se, como exemplo, as sequências altamente lucrativas do filme *Duro de Matar*, que estrearam em 1988 e ganharam mais quatro continuações ao longo de 25 anos, período em que foi negado ao personagem principal, o policial estadunidense John McClane, interpretado pelo ator Bruce Willis, o direito de seguir o percurso natural da vida e envelhecer.

No Brasil, a indústria telenovelistas, reconhecida a nível internacional como umas das mais potentes, se viu obrigada a investir vigorosamente em recursos que também atenuassem o visível envelhecimento dos corpos de seus/suas principais artistas. Isso se deu com o advento da TV digital no país, visto que a nova tecnologia oferece cada vez mais aos telespectadores a visualização de imagens atrativas, com precisão de cores e riqueza de detalhes. Entretanto, essa nova forma de visualizar imagens trouxe consigo a fácil percepção das rugas e dos fios de cabelos brancos dos galãs e das musas da teledramaturgia. Na lógica do idadismo, tão sutilmente impregnado dentro dessa indústria do entretenimento, essa visualização não seria atrativa. Então, diversos recursos foram direcionados para esconder cada ruga e fio de cabelo que pudessem indicar um sinal de perda da juventude entre os nomes mais lucrativos da televisão brasileira.

Até os grupos sociais que são historicamente conhecidos pela valorização social dos seus membros mais velhos, como nas Comunidades de Terreiro, que são grupos familiares estruturados na tradição religiosa e cultural de matriz africana, já começaram a sofrer os impactos da influência das sociedades de consumo, e começam a refletir uma lógica positivista em seu cotidiano. Com isso, iniciam também um processo de negação dos valores ancestrais, em que há um afloramento sutil de comportamentos estruturados no idadismo.

O sociólogo Reginaldo Prandi (2001), referência nos estudos das religiões afro-brasileiras, analisa esse impacto nessas comunidades e afirma:

Os velhos do candomblé falam do passado como um tempo perdido, que já não se repete vencido por um presente em que impera a pressa, o gosto pela novidade, à falta de respeito para com as caras tradições e, sobretudo, o descanso para com os mais velhos (PRANDI, 2001, p. 56).

¹⁰ Qualquer tipo de entretenimento bem sucedido, do ponto de vista comercial, e que assim conquista bastante popularidade.

Ainda segundo Prandi (2001), há uma crescente e forte redução dos espaços de liderança nas comunidades, com a substituição dos membros mais velhos pelos membros mais jovens, muito disso em virtude da verticalização das ideias que não associam mais o envelhecimento à sabedoria, pelo fato de muitos jovens buscarem o conhecimento ancestral através das tecnologias atuais e não no conjunto das experiências dos mais velhos da comunidade. O autor indica uma mudança de perspectiva no tocante às tradições e ao respeito aos idosos, traços marcantes dessas religiões, como nos mostra Eugênio (2012). Logo, os jovens perdem a confiança nos mais velhos, contestando a sabedoria adquirida com um longo processo atemporal, baseado nas experiências (PRANDI, 2001). A busca pelo conhecimento passa a ser uma investida contra o tempo. Segundo este autor, as pessoas mais jovens, muitas vezes, fazem sua iniciação ritualística nas religiões afro-brasileiras com o intuito muito claro de serem líderes (pais e mães de santo) e obterem ‘um meio de vida’ e uma ascensão social. Portanto, fazendo uso do idadismo, esses e essas jovens burlam as tradições ancestrais, usando sua juventude como artimanha, ao proferirem um discurso idadista, e usando a visão positiva que a sociedade tem da juventude, como um artifício para a conquista de seus objetivos pessoais.

Sociedade brasileira – idadismo e coronavírus

O ano de 2020 trouxe consigo uma forma mais potente do idadismo que já se encontra arraigada nas bases da sociedade brasileira. Tão mortal quanto o vírus Sars-CoV-2, ela condenou milhares de idosos/as a uma situação de isolamento social e solidão. O ano de 2021 vem seguindo esse mesmo rumo, condenando ainda outros tantos milhares a uma morte extremamente cruel, em que a ação básica de respirar é impedida, muito em decorrência de uma contaminação alicerçada na recusa idadista em proteger as pessoas de mais idade (que, de acordo com a biomedicina, apresentam a chamada imunossenescência).¹¹

A vida da pessoa idosa vale menos que os prazeres alienantes proporcionados pela sociedade capitalista de consumo. O idadismo foi e está sendo bastante potencializado e propagado com a pandemia da Covid-19 em nosso país. Esse idadismo mortífero é subsidiado por um Estado que encara como vantajosa a economia nas contas da Previdência Social, gerada pelo número expressivo de mortes de pessoas idosas, e que menospreza o sofrimento *ante mortem* de adoecidos/as e de familiares enlutados, com a alegação de que a manutenção

¹¹ A imunossenescência caracteriza-se por um estado inflamatório crônico denominado “*inflamm-aging*” (AGONDI et al., 2012).

da economia importa mais do que a vida da população idosa, ainda mais quando pobre e negra.

A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) publicava em agosto de 2020 que 75% dos cidadãos vítimas da Covid-19 eram idosos.¹² Porém, é preciso mencionar que, em 2021 com o constante aumento no contágio, o coronavírus não tem levado a óbito apenas pessoas com mais de 60 anos. Agora, são as mais jovens que vêm sendo acometidas pelas novas cepas da doença e preenchendo os leitos de UTI a fim de seres intubadas. A Covid-19 deixou de ser “doença de velho”, segundo afirma a médica e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Margareth Dalcolmo.¹³ Somos todas e todos grupos de risco, vulneráveis, principalmente as gestantes, as pessoas com problemas cardíacos e respiratórios e/ou com outras comorbidades.

Esse inimigo invisível nos leva a questionar o idadismo, o preconceito, as falácias “velhofóbicas” (GOLDENBERG, 2020), e, em consequência, a problematizar questões que vão muito além. Como sabiamente pontua Beauvoir (1972, p. 68), “Il n'y a pas de mort naturelle: rien de ce qui arrive à l'homme n'est jamais naturel puisque sa présence met le monde en question”.¹⁴

O idadismo, apontado por Castro (2015) como uma forma de menosprezar a população idosa, potencializou-se em expressivo desprezo com a vida das pessoas de idade avançada. Isso traz também outras consequências para elas, que passam a viver um processo de angústia e sofrimento psíquico, desencadeando consequências tão graves quanto o contágio por Sars-CoV-2. Serve de exemplo aqui o caso do ator Flávio Migliaccio, ídolo da juventude dos anos de 1970 com o personagem Xerife, do seriado *Shazan, Xerife e Cia*, e que já vivenciava o processo de envelhecimento quando a pandemia se instalou no Brasil. O ator sentiu sobre si o peso das consequências do idadismo. E não se está tratando apenas do que é veiculado pelos meios de comunicação, como analisado por Castro (2015), mas também do comportamento enraizado numa parcela significativa da nossa sociedade, a qual desdenha o direito de proteção por parte da população idosa. O ator Flávio Migliaccio, que ainda estava em plena produção profissional aos 85 anos de idade, desistiu de viver, e deixou como suas últimas palavras o seguinte desabafo: “Me desculpem, mas não deu mais. A velhice neste país

¹² Disponível em: <<https://sbgg.org.br/brasil-ultrapassa-100-mil-obitos-por-covid-19-idosos-sao-75-das-vitimas/>>. Acessado em 25/04/2021.

¹³ Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/nao-e-doenca-de-velho-alerta-medica-capixaba-sobre-covid-19-no-brasil-0520>>. Acessado em 26/04/2021.

¹⁴ Tradução nossa: “Não existe morte natural: nada do que acontece ao homem é natural, pois sua presença [da morte] põe em questão o mundo” (BEAUVOIR, 1972, p. 68).

está um caos como tudo aqui. A humanidade não deu certo.” O ator tirou a própria vida, após um doloroso processo de depressão e desapontamento.

Esse quadro triste transparece nas palavras de Goldenberg (2020), uma pesquisadora que já se sente uma “nativa” entre seus/suas interlocutores/as. A antropóloga alerta que “mesmo antes da epidemia muitos sentiam que viviam uma espécie de morte simbólica. O valor que se dá a essas pessoas mais velhas é quase nulo, socialmente e dentro de casa”. Verifica-se em suas palavras que a primeira instituição a desprezar as pessoas idosas e coadunar com o idadismo é a própria família, propagada como um lugar de aconchego e proteção. Se este é o lugar familiar de muitos desses sujeitos, questiona-se qual seria seu lugar social. Como resposta a esse questionamento advêm inúmeras possibilidades.

O governo federal brasileiro, desde o início da pandemia causada pelo coronavírus, sempre deixou bem clara sua opinião. Como veiculado em dezenas de portais de notícias do Brasil e do exterior, o poder executivo enxerga e defende que cada família deve ser responsável por cuidar de seus idosos, e que essa missão não tem que ser repassada ao estado, enfatizando que “cada família deve colocar o vovô e a vovó lá no canto e é isso”.¹⁵ Recordemos então a PORTARIA Nº 2.528 DE 19 DE OUTUBRO DE 2006 que garante à pessoa idosa no Brasil “o acesso universal e equânime a serviços e ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, garantindo a integralidade da atenção”. A incongruência entre lei, discurso e ações passou a fazer parte do cenário político brasileiro nos últimos anos. Constata-se que o idadismo atinge várias instâncias da política, da sociedade e das próprias famílias. Proteger o idoso é dever de toda a sociedade, inclusive do próprio idoso, porém até mesmo muitas pessoas com mais de 60 anos se posicionam contra a vacinação e alguns outros meios de proteção contra o coronavírus. Isso se dá com base na crença alardeada de que o que estamos enfrentando é apenas uma “gripezinha”.

Muitos dizem (médicos, psicólogos, antropólogos, familiares enlutados, etc.) que “o mundo não será mais o mesmo”, após o que vem acontecendo desde o mês de fevereiro de 2020, pois enfrentaremos um “novo normal” quando essa conjuntura caótica passar. E se essa situação catastrófica já não fosse difícil por si só, a sociedade mundial está sendo levada a conviver com o idadismo e com a pandemia ao mesmo tempo, suscitando de nós, cientistas sociais, a necessidade de problematização e de reflexão sobre o valor da vida, o direito de viver (com saúde) e a presença nefasta da morte. Sequer vivemos um luto coletivo. Se assim o

¹⁵ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil>>. Acessado em 10/03/2021.

fosse, não teríamos encerrado o primeiro quadrimestre do ano com o número de 3,14¹⁶ milhões de óbitos por Covid-19 no planeta.

A OMS divulgou no mês de abril de 2021 que o Brasil estava vivendo seu pior momento na pandemia. Esse quadro preocupante tem sido atribuído à falta de iniciativa do poder público federal em tomar medidas adequadas para o combate ao vírus em tempo hábil. Observa-se, no entanto, não apenas a falta de iniciativa, mas algumas falhas de entendimento dos gestores na condução e no enfrentamento do problema. Referindo-se à população brasileira, o ministro da Economia, afirmou que “Longevidade é ruim para os cofres [...] “Querem viver 100 anos”.¹⁷ Por sua vez, uma candidata do PSL-SP, deputada mais votada na história do país com mais de 2 milhões de votos, chega com uma recomendação no mínimo polêmica para se contornar o problema da superlotação das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) naquele estado. A deputada defende que as pessoas mais jovens tenham prioridade na busca por leitos, ou seja, que idosos na fila de espera por um leito de UTI cedam a vez para pessoas mais jovens, negando às idosas o direito fundamental e constitucional à vida. A morte de pessoas de idade avançada (algumas das quais podem, inclusive, ter apoiado a eleição da referida deputada) passa então a ser moralmente aceitável a partir de uma governamentalidade (FOUCAULT, 2008) que controla o “fazer viver” ou o “deixar morrer”.

Na contramão das falácias da necropolítica (MBEMBE, 2018) que se orienta por um idadismo arraigado, observamos inúmeros exemplos de realizações nos quais a pessoa idosa não vale menos, nem pode menos, que uma pessoa jovem. Uma postagem no Twitter¹⁸ nos presentearia com a seguinte mensagem: “Minha vó colando grau na faculdade com 80 anos. Só isso mesmo.” Essa postagem vem acompanhada da foto de uma senhora sentada em frente a um computador, participando da *live* de sua formatura. Tantas outras notícias semelhantes nos chegam através de portais na internet, “Idosa de 97 anos se forma em Direito junto com filha e neta em Valadares”, “Aos 71 anos, idosa se forma em Pedagogia na UFSM”, “Idosa realiza sonho e se forma em pedagogia aos 81 anos”. E muito mais, curiosamente: “Aos 71 anos, economista ocupa uma pasta ministerial em Brasília”, “ex-deputado federal assume a presidência da república aos 64 anos de idade”. Percebe-se assim que pessoas acima dos 60 anos, ou seja, idosas, continuam produzindo, se reinventando, alcançando seus objetivos e realizando sonhos. Questionamos aqui se a governamentalidade discutida por Foucault atinge

¹⁶ Dados divulgados pela ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS).

¹⁷ Disponível em <<https://www.metropoles.com/brasil>>.

¹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/ma_cla/status/1386507357539217413>.

a cada uma dessas pessoas na mesma extensão ou de forma diferente. A História nos mostra que sempre houve dois pesos e duas medidas, e o que o idadismo continua nos assombrando.

Embora o idadismo seja um valor indubitavelmente arraigado na sociedade brasileira, os exemplos elencados (da deputada, do ministro, etc.) revelam uma postura não preocupada de gestores em disfarçar ou agir como se espera dos agentes públicos, que estão a serviço da sociedade, cujo salário é pago por esta. Questionar-se-ia neste ponto se houve uma efetiva preocupação ao se priorizar a vacinação de idosos, que numa primeira visada parece ser (e não é) uma iniciativa do governo vigente em relação a esse grupo de pessoas.

No entanto, o que efetivamente se deu foi o cumprimento de leis anteriores, algumas delas referenciadas na introdução deste artigo. Em outras palavras, houve o cumprimento da Constituição muito mais do que uma política de governo que estaria valorizando a vida de um grupo fragilizado na pandemia. Reiteramos que essas leis são anteriores ao governo vigente.

O mesmo acontece com a vacina para combater uma variação do vírus da gripe responsável por causar a gripe suína, o H1N1,¹⁹ em 2020. Na campanha de vacinação contra essa gripe, também foi priorizada a população idosa, posicionando-se na contramão do “colocar o vovô e a vovó lá no canto”, o que representa um avanço dentro das diversas políticas do governo.

Considerações Finais

Com o objetivo de fomentar uma reflexão sobre sociedades antigas e atuais na perspectiva do “idadismo”, e de observar como elas encaram o processo do envelhecimento humano, apresentamos alguns pontos de destaque das sociedades chinesa, grega, ioruba, xingwana, yanomami, industriais e a brasileira dos dias atuais que vivencia os transtornos causados por inúmeras cepas do coronavírus. Com isso, intentamos cotejar visões filosóficas com as de consumo, as da política e as religiosas, tendo em mente a relevância do debate iniciado em uma pesquisa de pós-graduação.

Vimos que tanto Beauvoir, como Castro e Debert, entendem que o processo de envelhecimento humano é um fenômeno biológico especial que traz a necessidade de uma série de adaptações para os que se encontram nesse momento da vida, mas as autoras também enfatizam que a categoria “velhice” é uma construção social bastante maleável no tempo e no espaço. Então, o entendimento da ideia de velhice ou “velhices” (HENNING & DEBERT, 2015), pode ter uma valoração inclusiva ou exclusiva, dependendo do grupo social em que é

¹⁹ O H1N1 é um tipo de vírus que também pode ser chamado de *influenza H1N1*, *gripe H1N1*, *influenza A* e de *vírus H1N1*.

acessada, podendo até mesmo sofrer mudança de valores dentro de um mesmo grupo com o passar do tempo, ou através da influência de outros grupos hegemônicos.

Castro e Debert ainda chamam a atenção para a forte valorização da fase da vida adulta entendida como juventude (aglutinação de diversos períodos da vida dos adultos), que vem a ocasionar o que para Debert representa “idadismo”, esse preconceito que exclui e segrega as pessoas em fase de envelhecimento biológico e que se torna altamente lucrativo para um determinado conjunto de industriais que se propõem a “vender a juventude” a quem está prestes a perdê-la. Dessa forma, em diferentes momentos da nossa história recente, Castro e Debert, assim como Goldenberg, contribuíram para o exercício da reflexão de processos excludentes, preconceituosos e nefastos. No momento de uma pandemia causada pela Covid-19, tais processos são cada vez mais potentes, bastando para chegar a esse entendimento a observação do comportamento de alguns órgãos governamentais e da sociedade civil, trazendo para o debate a governamentalidade a que se referia Foucault (2008). Como exemplo, algumas instâncias, ao defenderem o uso da “escolha de Sófia”²⁰ por profissionais de saúde, retiram dos idosos o direito à vida, dando aos jovens a preferência diante de um direito tão fundamental. As reflexões de pensadores/as se fazem extremamente necessárias nesse momento, quando o idadismo sutil serve de embasamento para atitudes tão graves quanto aquelas destacadas pela mídia e por familiares enlutados.

Ao refletirmos sobre o pensamento de Beauvoir, Goldenberg, Castro e Debert, e após analisar a maneira e o respeito como alguns povos encaravam ou encaram o envelhecimento (povos ancestrais iorubas ou o contemporâneo yanomami), e com o desdobramento das culturas e dos valores milenares desses povos em solo brasileiro, temos a possibilidade de refletir para problematizar uma série de preconceitos encobertos, muitas vezes veiculados sob uma forma de retórica humorística. O idadismo precisa ser percebido e discutido, como forma de se buscar uma sociedade mais inclusiva, em que a diferença seja apenas um detalhe a ser respeitado.

Esses preconceitos encobertos vêm se fortalecendo cada vez mais na sociedade brasileira, e aos poucos vão consolidando suas raízes, com a contribuição dos discursos políticos de representantes do governo, nos últimos anos inclusive, revelando “a atitude descomprometida de diversas autoridades políticas para com a vida em geral” (DUARTE,

²⁰ Uma expressão bastante utilizada para situações onde escolhas difíceis e sob bastante pressão devem ser tomadas. Na pandemia da Covid-19, essas escolhas vêm sendo utilizadas pelos profissionais de saúde como uma forma de orientação para momentos de indicação de vagas nas UTIs, quando muitas vezes há necessidade de decidir quem deve viver ou morrer. Nesses casos, a preferência vem sendo dada ao enfermo mais jovem que tecnicamente teria mais chances de sobreviver. Pode ser compreendida ainda como “escolha sábia”, fazendo-se uma ligação com o significado do nome “Sófia” que significa “sabedoria”.

2020). Ao ter um caráter de política governamental, a retórica idadista passa de uma visão preconceituosa de sociedade, alicerçada na juventude como um valor social, que pode vir a ser uma ameaça ao Estado Democrático de Direito. Ao questionar os direitos fundamentais da população idosa, pode-se estar colocando em xeque a própria Carta Magna Brasileira. Ao cogitar a possibilidade, como fez a deputada mais bem votada no país nas eleições de 2018, abre-se um precedente perigoso para que no futuro outros segmentos da sociedade tenham seus direitos básicos negados e suas vidas sejam suplantadas, cedendo-se aos desejos e às necessidades de outros grupos que estejam em uma situação de privilégios na hierarquia de sociedades estruturadas em valores segregacionistas, a exemplo das sociedades idadistas.

Guardadas as devidas proporções, o universo ficcional vislumbrado na literatura da escritora canadense Margaret Atwood pode servir de cenário-exemplo para essa ameaça que nos ronda. No cenário retratado no seu romance *The Handmaid's Tale*, o mundo se vê assolado por uma drástica baixa nos índices de fertilidade feminina, e as mulheres capazes de reprodução tornam-se raras e necessárias para a continuidade da espécie. Dessa forma, teorias conspiratórias e fundamentalistas que propagavam o fim dos direitos democráticos fundamentais e defendiam que a mulher passasse a ser propriedade do seu marido e do estado, derrubaram “a maior democracia do planeta”, os Estados Unidos da América (EUA), e fundaram a *República de Gilead*. Nesta república, qualquer inadequação aos valores da nova nação fundada sobre valores religiosos ultra ortodoxos era punida com tortura, fuzilamento ou enforcamento. Essa sociedade estruturada em diversos tipos de preconceitos, apesar de ficcional, pode encetar a reflexão de que uma sutil ameaça aos princípios básicos constitucionais, como os que estamos vivenciando, pode servir de estopim para graves ameaças à humanidade. Resta-nos refletir e problematizar questões como essa para que a vida não venha a imitar a arte.

Esperamos, em síntese, que esse momento doloroso que o mundo inteiro vive, e mais drasticamente o nosso país, possa não vir a ser uma porta de entrada para a consolidação de valores segregacionistas, mas sim um espaço de abertura por meio do qual os preconceitos vigentes (como o idadismo) possam ser transpostos. Que a humanidade siga seu ciclo vital vencendo barreiras e minimizando possíveis retrocessos.

Longe de esgotar as discussões sobre o tema proposto, trouxemos impressões preambulares sobre o idadismo, a partir de exemplos de variadas sociedades para motivar outras problematizações e reflexões. Entendemos que o debate é relevante para a compreensão das construções sociais sobre o processo de envelhecimento humano, e que nem todas as reflexões aqui postas podem ser generalizadas, demandando outros pontos de vista e

um diálogo mais aprofundado. Afinal, compreendemos que negligenciar a população idosa é traçar um destino cruel para nós todos/as.

Referências Bibliográficas

- AGONDI, Rosana C. et al. Imunossenescência. **Revista Brasileira de Alergia e Imunopatologia**. 2012. Disponível em: <<http://www.sbai.org.br/revistas/vol355/Imunossenescencia.pdf>>. Acessado em 10/03/2021.
- ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 2017.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2017.
- CASTRO, Gisela G. S. **Precisamos discutir o Idadismo na comunicação**. Ano 20 n. 02, pp.101-114, Comunicação e Educação, São Paulo, 2015.
- _____. **O Idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias**. N. 31, pp. 79-91, Galáxia São Paulo online, São Paulo, 2016.
- _____. Precisamos Discutir sobre o Idadismo, in: **Revista Mais 60-** Estudos Sobre Envelhecimento, vol. 28, n. 67, pp. 38-755, São Paulo, 2017.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da Vida Adulta e a Juventude como Valor. In: **Revista Horizontes Antropológicos**, ano. 16 n. 34, pp. 49-70, Porto Alegre, 2010.
- DUARTE, André. “E daí?” Governo da vida e produção da morte durante a pandemia no Brasil. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v.29, n.46, p.74-109, jan.-jun.2020.
- DUMONT, Louis. **Essais sur l'individualisme. Une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne**. Paris: Seuil (Esprit). 1983.
- EUGÊNIO, Rodney William. **A bênção aos mais velhos: poder e senioridade nos terreiros de Candomblé**. Mairiporã: Arole Cultural, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Trad. Claudia Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GOLDENBERG, M. “Lutar contra a velhofobia é lutar pela nossa própria velhice”. **Publica**. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/mirian-goldenberg-lutar-contr-a-velhofobia-e-lutar-pela-nossa-propria-velhice/>. Acessado em 10/03/2021.
- GOMES, Sandra. **Políticas Públicas para a pessoa idosa: marcos legais e regulatórios**. Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta. São Paulo, 2009.
- HENNING, Carlos Eduardo; DEBERT, Guita Grin. **Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas**. Mais 60: estudos sobre envelhecimento, São Paulo, v. 26, n. 63, p. 8-31, dez. 2015.
- HERRERO, Marina Marcela. Um olhar sobre o envelhecer numa aldeia indígena. In: **Revista Mais 60-** Estudos Sobre Envelhecimento. V. 29 | N. 72 | 2018.
- KOPENAWA, Davi.; BRUCE, Albert. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés: São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Rio de Janeiro: n-1 edições, 2018.

MEAD, Margaret. A adolescência em Samoa. In: CASTRO, Celso. (org.). **Cultura e personalidade**: Ruth Benedict, Margaret Mead, Edward Sapir. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p. 17-65.

OLIVEIRA, Flávia. **As voltas que o mundo dá**. In: O Globo. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/flavia-oliveira/post/as-voltas-que-mundo-da-coluna>>. Acessado em 01/04/2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Sobre Terceira Idade**. Disponível em: <<https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>>. Acessado em 28/04/2021.

PLATÃO. **República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 1997.

PRANDI, Reginaldo. O Candomblé e o Tempo: concepções de tempo, saber e autoridades da África para as religiões afro-brasileiras. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 16, n. 47, pp. 43-58, Brasil, 2001.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Envelhecimento: visão de filósofos da antigüidade oriental e ocidental. Rev. **RENE**. Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 88-94, jul./dez./2001.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas Africanas dos Orixás**. Corrupio: Editora Salvador, 1997.